



ALEXANDRE  
ANDRADE  
O LEÃO DE  
BELFORT

RELÓGIO D'ÁGUA

# O Leão de Belfort

Relógio D'Água Editores  
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15  
1000-282 Lisboa  
tel.: 218 474 450  
fax: 218 470 775  
relogiodagua@relogiodagua.pt  
***www.relogiodagua.pt***

Título: O Leão de Belfort — Noveleta urbana  
Autor: Alexandre Andrade  
Revisão de texto: Ana Matoso  
Capa: Carlos César Vasconcelos ([www.cvasconcelos.com](http://www.cvasconcelos.com))  
sobre *Lady at the tea-table* (1893), de Maurice Denis

© Relógio D'Água Editores, Abril de 2016

Encomende os seus livros em:  
**[www.relogiodagua.pt](http://www.relogiodagua.pt)**

ISBN 978-989-641-600-3

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores  
Impressão: Guide Artes Gráficas, Lda.  
Depósito Legal n.º: 408353/16

Alexandre Andrade

# O Leão de Belfort

Noveleta urbana



Ficção Portuguesa



# 1

Tempo de chuva. O senhor Georges transportou morosamente o seu corpo do lado de fora para o lado de dentro da agência imobiliária. O abraço frio da humidade fê-lo pensar nalgumas das coisas que remotamente mais temia: melodias da infância, solidão, desprezo maldisfarçado, o mar imenso e as suas representações.

A menina Sidonie interrompeu a carta que estava a escrever a meio de uma palavra. Os seus dedos, em repouso sobre o colo, pareciam agora animaizinhos fatigados. A menina Sidonie sabia que lhe cabia a partir de agora o papel de ouvinte. Seguiu com os olhos os carros que passavam do outro lado da vidraça, brevíssimas manchas coloridas entre os rectângulos A4 que anunciavam ao mundo (ou seja, a Paris) as oportunidades de venda e aluguer. Tentou distinguir o que estava escrito na ardósia do *bistrot* do outro lado da Rue Lemercier, bairro de Batignolles. Demasiado cursivo e demasiado pequeno. O senhor Georges já começara o seu monólogo, demorava os gestos, demorava a voz, olhava para as coisas com um vagar magoado.

— O que procuram as pessoas, Sidonie? A felicidade? A felicidade pura? Então porque se contentam elas com a primeira coisa pastosa que lhes põem à frente do nariz?

— Há uma distância, senhor Georges, entre os sonhos e a vida real. Cada qual decide se essa distância é demasiado grande. E depois há o desânimo. Há quem tenha tentado e julgado o esforço inútil. Será isto?

Era aquilo? Sidonie continuava atenta à rua. Sabia que o senhor Georges não estava à procura de contacto visual.

— As pessoas vêm ter comigo à procura de uma casa. Pelo entusiasmo que colocam na voz, pela energia com que gesticulam, até parece que estão à procura de um sentido para as suas vidas.

— Uma casa é o lugar onde se vive e onde se é feliz. É mais do que um objecto, não é um bem como os outros.

— Outra vez a felicidade. Está bem, vamos dar-lhes isso de barato. Querem ser felizes, exigem a sua fatia do grande bolo da vida, bem servida e cuneiforme. Muito bem. Mas se é assim, porque é que não vão até às últimas consequências?

— Não estou a perceber, senhor Georges.

Que tempo detestável. Parecia uma paródia das pragas do Egípto. Chovia há três dias, as conversas e os devaneios amoleciam mais rapidamente do que os prospectos e bilhetes de metro caídos nas valetas. Sidonie reparou que o senhor Georges se retirara para o interior da loja. Tinha um compartimento só seu, mais quarto secreto do que gabinete. Sidonie não sabia o que ele fazia para passar o tempo. Imaginava-o frente ao espelho, contemplando o reflexo do seu rosto pálido e ensaiando queixas e lamentações contra o estado das coisas. Há muito que o senhor Georges era o seu modelo mental para o Barão de Charlus descrito por Proust. O seu patrão parecia-lhe feito para os quartos amplos e discretamente perfumados das estâncias termais aristocráticas e para as diatribes contra a vulgaridade da época presente.

— Aquele casalinho de ontem, por exemplo. Aqueles que procuravam um duas assoalhadas pequeno, bem servido de transportes públicos, com cozinha independente. Aqueles que eu levei a visitar casa após casa, com a paciência de um santo do calendário. Aqueles que fizeram orelhas moucas aos meus conselhos, que recusaram, por este ou aquele motivo mesquinho, algumas das melhores situações que esta cidade magnífica tem para oferecer e que, no final, talvez por uma questão de esgotamento físico, disseram que sim à minha última proposta.

— Estou a ver. O quinto andar ao pé de Denfert-Rochereau.

— Rue de La Tombe-Issoire. Não é a axila de Paris, mas anda lá perto.

— Bem, eu não desgosto.

— Oh, Sidonie, não está a falar a sério. Não pode estar. Uma pessoa não pode espreitar pela janela sem ser decapitada pelo comboio que passa mesmo ao lado.

— Não estou de acordo. — Sidonie não levantava a voz. Não era necessário. — É um bairro onde tanto se pode ser feliz como miserável. Como em toda a parte.

— Sim, não me esqueço de que é de felicidade que estamos a falar. Passam-me pelas mãos tantos princípios de vida repletos de esperança! Para eles, quatro paredes e um tecto são um atalho para uma vida preenchida. Mas se é assim, pergunto eu, porque é que se deixam seduzir por lugares como estes, tão melancólicos e tão parecidos com limbos? Pensam na felicidade como se fosse uma regalia prevista pelo contrato de arrendamento. Ser feliz é uma batalha, mas o sangue faz-lhes impressão. Pérolas a porcos! Pérolas a porcos!

Sidonie lembrava-se muito bem do casal. Ele era alto e movia-se com a confiança de um conquistador, ou melhor, de alguém que julga a conquista uma acção supérflua e vagamente divertida. Ela parecia tímida e demasiado preocupada em não ofender o mundo, fosse por gestos, por omissões ou por palavras. Raramente falava; quando falava, revelava sotaque.

— Sidonie, consegue ler a ementa para o almoço de hoje?

Sim, agora as letras brancas sobre fundo negro deixavam-se decifrar com menos esforço. Salada de espargos com queijo *tomme de Savoie*. *Magret de canard* com puré de maçã. Tarte de merengue e lima. Fórmula entrada/prato ou prato/sobremesa. 90 francos.

— O *magret* que eles fazem ali nem costuma ser completamente repugnante. Trouxe comida de casa, Sidonie? Como de costume?

Sidonie deu alguma razão ao patrão. Há pessoas que julgam que a felicidade vem sem esforço, ou por ciclos. Mas não basta deixar-se ficar e esperar que a cidade ou o lar se encarreguem de tudo, que desbravem o caminho com golpes do machado que temos de ser nós mesmos a brandir!



## 2

— O que eu quero dizer é isto: como é que sabemos quando estamos a viver a *nossa* história? É uma coisa que a própria pessoa reconhece? E também isto: sem uma história, pode-se dizer que estamos a viver, sequer? Deixar-se ir no fluxo, chamas a isso viver?

— Não te estou a ouvir, Cristina! Fala mais alto!

Cristina *Verschwindhoffnung* e Anaïs atravessavam uma rua do *12<sup>ème</sup> arrondissement*, em diagonal. Era dia e local de mercado. Anaïs ia à frente, desviava-se das pessoas com uma fluidez de movimentos que só poderia ser apreciada por quem a seguisse com o olhar, ao longe, talvez do cimo de um prédio, à maneira de uma gárgula. Anaïs era larga de corpo, morena e atlética, delicada de feições, excelente ouvinte, assistente social de profissão, canhota, irónica, paciente até ao infinito, porém implacável com os sonsos e com os presunçosos.

— Para onde estás a ir, Anaïs? Pensei que íamos comprar cerejas *Burlat* e toranjas. Adoro cerejas *Burlat*. São as mais tenras e as mais agradáveis à vista.

— Vamos fazer isso a seguir. Agora, quero entrar ali.

Cristina seguiu Anaïs para o interior de um café. As letras “PMU” ladeavam o nome do café, no exterior.

— Não sabia que apostavas em cavalos, Anaïs.

— Só quando calha. Mas não tem a ver com palpites nem com sonhos. É só quando me parece acertado. Tens uma caneta?

Cristina andava sempre com canetas na mala, muitas e de muitas cores.

Anaïs recitou nomes de cavalos como se fosse uma litania: havia nomes próprios, nomes de personagens míticas, numerais romanos, nomes de soberanos de civilizações desaparecidas, nomes de espécies animais, nomes que soavam a algo de excitante mas que significavam nada. Estava-se bem ali dentro, na penumbra e no silêncio. Tinham mandado vir duas águas com gás.

— E a vossa casa nova, Cristina? Falei anteontem com o Guy ao telefone e ele parecia muito contente.

— Estamos a instalar-nos. Ainda há demasiadas coisas sem lugar e lugares sem coisas.

— Foi difícil de encontrar?

— Foi bastante difícil. Eu começava a desanimar. O Guy, esse, nunca desanima, mas eu já estava a perder a esperança. O cavalheiro da agência mostrou-nos uma quantidade incrível de casas que ou eram muito caras ou minúsculas. No final de um dia de frustração, levou-nos ao *14ème* e deixou-nos entrar naquele apartamento tão amoroso, mas como se nos conduzisse ao nosso próprio funeral, estás a ver, só faltou dar-nos um par de bofetadas quando nós dissemos, quase ao mesmo tempo, que sim, que queríamos ficar ali e que podíamos pagar a caução de dois meses ali mesmo se fosse preciso. E tu?

— E eu o quê?

— Encontraram a vossa felicidade?

A felicidade de Anaïs e do seu pequeno bando era um prédio de habitação da Rue Legendre, perto do cemitério de Montmartre. Tinham alugado o segundo e o quarto andares para prepararem uma encenação da peça *O Balcão*, de Genet. Estavam agora na fase de transportar os adereços. Era uma peça que precisava de muitos adereços. Anaïs explicou isto tudo a Cristina enquanto saíam do café e se dirigiam à banca que vendia as melhores cerejas do mercado, pelo meio da multidão compacta e aleatória.

— E o terceiro andar?

— No terceiro andar trabalham uns cavalheiros com um ar de seriedade irrepreensível. Ainda não percebemos se são advogados, escroques ou receptadores.

Algumas cerejas foram lavadas com um resto da água da garrafa que Anaïs trouxera às escondidas, do café. A água envolvia os

frutos gloriosamente vermelhos e pousados no côncavo da mão de Cristina, depois escorria para a rua e desaparecia por uma sarjeta. Cristina dedicou um pensamento, breve mas robusto, ao engenheiro Eugène Belgrand (1810-1878), responsável pela criação da rede de esgotos parisienses. 2100 quilómetros de condutas subterrâneas, 1,3 milhões de metros cúbicos de água transportados diariamente.

— O que é que me estavas a tentar dizer há pouco, Cristina? Só escutei o tráfego e as interjeições dos vendedores, por sinal muito pitorescas. Qualquer coisa sobre a história de cada um? Sobre os sinais que nos dizem se estamos a vivê-la? Para que precisas tu de sinais?

— Perguntei por perguntar. Às vezes, sinto que viver em Paris e deixar que o tempo passe e esperar que as coisas aconteçam não passa de um prelúdio de algo que está para vir e que estará carregado de sentido e de valor. Mas será preciso fazermos alguma coisa para que isso enfim aconteça?

— Paris é fecunda em recursos. No teu lugar, eu não duvidava nem desesperava. São dois mil anos a criar peripécias e destinos a partir do nada.

E Anaïs mostrava os belos dentes tingidos pelas cerejas.